



É toda análise didática?

• Gérard Pommier

necessário assinalar, é que só um número reduzido de análises se revelaram como didáticas, a partir do que Freud definiu como o desejo que está em jogo numa análise, e da posterior conceitualização de Lacan. Para desenvolver esta questão temos que considerar que todo desejo é sexual. Esta formulação, em aparência trivial, é essencial para poder compreender o desejo nas suas diversas manifestações.

Para poder abordar esta questão é necessário ter presente a origem sexual do desejo, porque se não o fazemos, nossas formulações irão no sentido da repressão da sexualidade. É o risco que se pode correr, sim, por exemplo, tomamos um modelo matemático para explicar o que é desejo. O mesmo acontece com o modelo do significante, que reenvia sempre a outro significante já que, se o desejo permanece insatisfeito, é por razões vinculadas com a repressão sexual, com a significação fálica e não com o significante, que é consequência da repressão da significação do falo. Se dissermos que o desejo é o que resulta de uma concatenação de significantes, estamos abordando a questão como o faria um linguísta ou um filósofo.

A formulação da origem sexual do desejo não merece uma demonstração particular. O exemplo mais banal do desejo masculino, seguindo sua vertente edípica, é que o homem não buscará endogamicamente uma mulher semelhante à mãe, mas sim exogamicamente uma mulher diferente num ponto essencial, sua virgindade. Entre endogamia e exogamia há uma passagem que marca uma diferença com a mãe, que é uma mostra da repressão do desejo, desejo sempre de outra coisa, já que uma vez possuída uma mulher deixará de ser virgem. Deste modo, o desejo é sem fim, por razões que nada têm a ver com a cadeia significante que envia a outro significante, senão por razões sexuais ligadas ao complexo de Édipo.

Frente à evidência da origem sexual do desejo, podemos interrogar-nos sobre sua incidência no desejo do analista. A repressão desse dese-

jo terá como consequência a ignorância de seus objetivos — o incesto — e de seus meios — a matança do pai. Ao eliminar-se a dimensão sexual do desejo, apareceram os significantes, a topologia. Porém, como o desejo insistirá em seus objetivos, é importante perguntar-nos como analistas, sob que forma reaparecerá o objeto incestuoso. O fará, evidentemente, baixo a forma de objeto da pulsão, utilizado primeiramente para colmar a demanda da mãe. Neste sentido a pulsão é um conceito limite muito ativo na realização do desejo reprimido. As especificações do desejo de cada indivíduo dependerão dos avatares desse objeto. Entre a repressão e a reaparição baixo a forma pulsional que se produz na inversão que vimos respeito do desejo sexual masculino, se coloca aquilo que fará que um pirômano queira ser bombeiro ou um sádico cirurgião. Todas estas vocações bem confirmadas têm a ver com o desejo.

Que acontece em particular a respeito do desejo do analista? Tem a ver com o desejo de curar. Nas primeiras páginas da obra de Groddeck, intitulada "O livro do Id", este define seu desejo de curar de forma muito poética. Quando tinha três anos, jogando com sua irmã que queria vestir uma boneca e ao qual ele se opunha, Groddeck lhe disse: "mas vai morrer asfixiada pela roupa". Seu pai, que estava presente, lhe disse: "mais tarde, tu serás médico". É interessante a sinceridade com que Groddeck expressa que, no momento de pronunciar essa opinião sobre a boneca, deve haver sentido o desejo de matar alguém personificado nesse objeto, supondo que se trataria de sua irmã, que recebia todos os cuidados de sua mãe. Isto constitui para ele o essencial do desejo do médico: uma propensão à crueldade reprimida ao ponto de converter-se em algo útil.

Poderia objetar-se que o desejo de curar tem a ver marginalmente com o desejo do analista, e que na realidade trata-se somente de uma apresentação particular do discurso médico. Porém, isto pode observar-se nas curas de pacientes que se dedicaram pos-

teriormente à psicanálise. Frequentemente se percebe, por exemplo, que o que está em jogo respeito do fantasma de sedução dos homens de uma mulher, é a idéia de curar esses pobres indivíduos pela sua débil sexualidade. Ou de um paciente que, sem ter nada a ver com o discurso médico ou a carreira de médico, dá-se conta bruscamente na sua análise que quer ser psicanalista respeito de seu desejo quando era criança de ajudar a sua mãe, a quem viesse num momento de desespero, e perante a incapacidade de seu pai. Que este desejo de curar, que aparece num momento da análise, se transforme em desejo do analista tem a ver com a base do mesmo. Como nomear aquilo que em determinado momento, por razões edípicas transforma-se num desejo de ajudar a um dos pais (e que poderíamos nomear o fantasma de Joana D'Arc)? Em certo sentido, este desejo de curar, que não existe no discurso médico, é o de tampar a falta. A partir desta situação muito geral há um desejo de ser analista que começará. A maior parte das vezes é um desejo concomitante com o primeiro pedido de análise. É algo muito forte, que se manifesta desde a infância e que, só ocasionalmente, se descobre.

Porém, estas considerações não permitem definir o desejo do analista, que só pode conceitualizar-se em contradição com esse desejo, no sentido da Aufhebung freudiana. O que acredito ser importante é que cada sujeito singular que deseje tomar esse lugar exercer a função do semblante, deve conhecer através de sua análise as bases desse desejo de ser analista. Não é grave se um bombeiro ignora seu desejo pirômano, porque de todas maneiras apagará o fogo. Mas no caso de um analista, sua função requer que esteja ao corrente do semblante, da ficção que lhe permite sustentar essa situação. Creio que as questões aqui abordadas permitem considerar de uma maneira mais precisa a questão do desejo do analista.

Novembro 1993

Novembro 1993 Gérard Pommier Psicanalista - Co-fundador da Fundação Europeia para a psicanálise (Tradução: Ricardo E. Delfino)

Um leitor atento da obra de Lacan poderia perguntar-se se toda análise, pelo só fato da sua duração prolongada, terá como consequência a formação de um novo analista. As considerações de Lacan a respeito poderiam deixar pensar que trata-se exclusivamente de uma questão de tempo transcorrido, no qual o desenvolvimento da análise alcançaria um ponto tal, aparecendo algo da ordem, do desejo do analista.

A experiência pode, porém, demonstrar o contrário. Antes de poder realizar uma formulação teórica a respeito, é necessário estabelecer uma distinção entre o desejo do analista como tal e o fim da análise. Frequentemente, o desejo do analista é tão ativo, que uma pessoa começa receber pacientes, mesmo quando sua análise não está terminada. Deste modo, a prática evidencia a distinção entre estes dois aspectos. Há por outra parte uma prova mais concludente e é que, para a maioria dos analisantes, a análise chegará a seu fim sem que apareça portanto um novo analista.

Isto da conta de aquilo que vai atuar do lado do fantasma, fonte primordial do ato. Existe um desejo do poeta, um desejo do filósofo, um desejo do pintor, distintas formas de desejos que nada têm a ver com o desejo do analista, e permanecerão imutáveis com o final da análise. Deste modo, uma análise mesmo prolongada não desembarcará necessariamente em desejo do

analista ou num desejo de ser analista.

Uma vez esclarecida esta confusão, a gente pode perguntar-se porque uma leitura cuidadosa da obra de Lacan produz esta interrogação sobre a duração da análise e o desejo do analista. Uma primeira razão está vinculada com as críticas que teve de realizar Lacan sobre a noção mesma na análise didática em contraposição com a análise terapêutica, para demonstrar que existe uma só análise. Porém, que exista uma análise e não duas, não significa que o objetivo da mesma seja único, quer dizer a formação do analista. É aqui onde se evidencia o deslizamento, a confusão que temos evocado. Lacan tem assinalado que somente algumas análises se revelam didáticas na posteridade, já que a análise tem a particularidade de terminar-se antes de seu fim. Em todos os atos durante uma análise há um efeito de posterioridade "après-coup", e é só retroativamente que uma interrupção da análise se revelará como o ponto de fim.

É necessário abordar esta questão para criticar os efeitos perniciosos que têm tido a idéia da análise didática em alguns países, e em particular na França, a respeito da formação de analistas "lacanianos". Deste modo, certas pessoas, que tinham permanecido em análise durante alguns meses, pensaram que era possível instalar-se como analistas a partir de uma suposta autorização implícita nas considerações de Lacan. O que é